

A Liderança Feminina e as Redes de Solidariedade na Favela Nossa Senhora Aparecida em Londrina/PR

*Female Leadership and Solidarity Networks in the
Favela Nossa Senhora Aparecida in Londrina/PR*

*Liderazgo Femenino y Redes de Solidaridad en el
Chabola Nossa Senhora Aparecida en
Londrina/PR*

Caroline Berger de Paula

Universidade Estadual de Londrina-UEL

caroline.berger@uel.br

Resumo: O acelerado processo da urbanização brasileira acarretou alguns problemas como o déficit habitacional que, em 2019, atingiu 5,9 milhões de moradias, intensificando assim as desigualdades. Destaca-se que a segregação das moradias tende atingir de forma diferente as mulheres, visto que são elas que assumem a responsabilidade afetiva da casa e convivem cotidianamente com os problemas relacionados a falta de moradia, escolas, creches, áreas de lazer, postos de saúdes. Objetivou-se refletir sobre a rede de solidariedade Amigas do São Jorge, projeto social composto por dez mulheres que realizam ações em âmbito educacional, alimentício, de segurança física e emocional junto a população da favela Nossa Senhora Aparecida, em Londrina, Brasil. Os procedimentos metodológicos foram estabelecidos a partir de trabalho de campo com observação simples e entrevistas semi-estruturadas. Conclui-se, que tecer redes de solidariedade para obtenção de recursos e assim garantir melhores condições de vida à existência dessas

famílias, se torna fundamental.

Palavras-chave: Periferia Urbana. Segregação socioespacial. Gênero. Londrina.

Abstract: The accelerated process of Brazilian urbanization has led to some problems such as the housing deficit, which, in 2019, reached 5.9 million homes, thus intensifying inequalities. It is noteworthy that housing segregation tends to affect women differently, as they are the ones who assume emotional responsibility for the home and live daily with problems related to lack of housing, schools, daycare centers, leisure areas, health centers. The objective was to reflect on the Amigas do São Jorge solidarity network, a social project made up of ten women who carry out educational, food, physical and emotional security actions among the population of the Nossa Senhora Aparecida favela, in Londrina, Brazil. The methodological procedures were established through fieldwork with simple observation and semi-structured interviews. It is concluded that weaving solidarity networks to obtain resources and thus guarantee better living conditions for the existence of these families becomes fundamental.

Keywords: Urban Periphery. Socio-spatial segregation. Gender. Londrina.

Resumén: El acelerado proceso de urbanización brasileño, ha provocado algunos problemas, entre esos está el déficit habitacional, que en el año 2019, alcanzó los 5,9 millones de viviendas, intensificando las desigualdades. Es importante resaltar que la segregación habitacional, tiende a afectar de manera diferente a las mujeres, ya que son ellas quienes asumen la responsabilidad emocional del hogar. Las mujeres enfrentan en el día a día, problemas para mantener a sus familias buenas condiciones de vida, entre esos podemos destacar: la falta de vivienda, escuelas, guarderías, lugares de recreación, centros de salud. Por lo antes mencionado queremos presentar ante ustedes, la red solidaria Amigas do São Jorge, un proyecto social integrado por diez mujeres

que realizan acciones educativas, alimentarias, de seguridad física y emocional entre la población de el chabola Nossa Senhora Aparecida, en la ciudad de Londrina, Brasil. Los procedimientos metodológicos se establecieron mediante trabajo de campo con observación simple y entrevistas. Se concluye que tejer redes solidarias para obtener recursos que garanticen, mejores condiciones de vida para la existencia de estas familias se vuelve fundamental.

Palabras clave: Periferia urbana. Segregación socioespacial. Género. Londrina.

Introdução

A crescente urbanização brasileira nos últimos 50 anos intensificou a exclusão social nas cidades, ou seja, frente à atuação de agentes produtores do espaço urbano, o processo de segregação socioespacial tem sido materializado em áreas de maior e menor poder aquisitivo nos centros urbanos, ainda que com expressões bastante diferentes, visto que o espaço urbano “[...] nada tem de harmonioso. Ele também reúne os conflitos. Sem excluir os de classes. O urbano se apresenta, ao contrário, como lugar dos enfrentamentos e confrontações, unidade das contradições” (Lefebvre, 2004, p. 160).

Sendo o espaço urbano uma construção social o mesmo encontra-se apropriado segundo a ação de agentes produtores do espaço urbano. Tais agentes, segundo Corrêa (1989, p. 44), com práticas espaciais cotidianas “[...] materializam os processos sociais na forma de um ambiente construído, seja a rede urbana, seja o espaço intraurbano”. Sendo esse último, com foco na periferia urbana, o pano de fundo dessa pesquisa.

Desta forma, a segregação socioespacial, como essa adjetivação já explícita, possui uma dimensão social, pois, é o espaço social que condiciona a sociedade ao determinar a localização dos grupos sociais na área urbana, devido a valorização diferenciada do solo urbano, que determina quem vai (ou pode do ponto de vista econômico) ocupar/consumir determinada porção da cidade (Villaça, 2001).

O processo de segregação e a periferização das moradias tende a afetar as mulheres de forma diferente em comparativo aos homens (de modo geral), pois são elas as que convivem e precisam lidar de modo mais direto, com a falta de creches, escolas, postos de saúde, hospitais e transporte ao assumirem o papel social determinado historicamente e carregarem pra si a responsabilidade afetiva da casa, dos filhos, de manter a família nos padrões do patriarcado, somado a isso, tem se, em alguns casos, a violência de gênero, que é um fenômeno, predominantemente, familiar (Davis, 2016).

Importante ressaltar que ao se apropriar deste espaço reflexo do sistema (e condicionante), esses sujeitos buscam formas de resistir, criam mecanismos de sobrevivência e de convivência coletiva como as redes de solidariedade, para que os que convivem nas mesmas condições de vulnerabilidade consigam

permanecer nesses locais de forma um pouco mais digna do que o sistema oferta.

Diante disto, objetiva-se compreender de que forma o protagonismo da liderança feminina por meio da rede de solidariedade do Projeto Social Amigas do São Jorge da favela Aparecidinha na Zona Norte de Londrina/PR se torna um movimento de luta e resistência frente a interseccionalidade gênero e o direito à moradia e a cidade dos moradores desta favela.

Para compreender como as mulheres estudadas aprendem e convivem umas com as outras no cotidiano adotou-se enquanto caminho teórico-metodológico a etnometodologia para a compreensão da realidade. Perspectiva essa na qual a pesquisadora parte da compreensão de que os fatos devem ser vistos como produtos dos sujeitos/as e realizados pelos/as sujeitos/as em sua prática cotidiana (Gherardi, 2006).

Essa pesquisa de abordagem qualitativa, ainda pode ser caracterizada como do tipo investigação-ação-participativa, por primar pela soma e troca de saberes (científicos e populares), na perspectiva discutida por Fals Borda (2008) e Saquet (2019), almejando a transformação social para além da academia, com justiça, equidade e respeito.

A Investigação-Ação-Participativa tem por base de sua construção adotar uma postura de conhecimento da realidade vivida dos/as sujeitos/as estudados/as para que se consiga realizar uma transformação social, estar aberta para aprender no dia a dia da pesquisa com as experiências que lhes surgirão, ter compromisso sociopolítico, estar inserida e interagir na realidade estudada de forma respeitosa e que contribua com a vivência de todos os sujeitos (Fals Borda, 2008). Para tanto, a pesquisadora tem participado com certa frequência das atividades realizadas pelo grupo de mulheres do projeto mencionado anteriormente bem como tem auxiliado em ações na quais a líder do projeto encontra dificuldade ora imposta pela burocracia ora pelo gestor municipal ou pela ausência de verbas para realizar determinadas ações voluntárias junto às famílias da favela Aparecidinha.

Nesses momentos de interação com as sujeitas do projeto e famílias da favela, a pesquisadora tem utilizado como técnicas entrevistas semiestruturadas, a observação simples, com registro fotográfico e anotação em caderno de campo (Gil, 2012) bem como a escuta ativa. A opção pela escuta

ativa se deve ao fato desta exigir que a pesquisadora vá além de regras de interação com os entrevistados, pois “[...] envolve e exercita a escuta em experiências concretas e particulares de interação” (Scribano; Sena, 2020, p. 127). Acredita-se assim que a entrevista não se resume a um mero procedimento de pesquisa, pois conforme apontado por Scribano e Sena (2020, p. 12), fazer entrevistas “[...] implica não apenas prestar atenção para nossas habilidades metodológicas, mas também (e fundamentalmente) um ato político em favor da pesquisa social comprometida com os sujeitos que compartilham nossas pesquisas”.

A Favela Nossa Senhora Aparecida em Londrina/PR

A expansão urbana da cidade de Londrina ocorreu de forma acelerada e de certa forma, desordenada. Planejada para abarcar pouco mais de 20 mil habitantes em 1929 passou a concentrar em 2021 quase 600 mil habitantes. Tal fato evidencia um ordenamento físico territorial pautado em um planejamento urbano que não foi pensado para atender a população trabalhadora, de baixo poder aquisitivo, fazendo com que essas favelas fossem criadas frente a falta de moradias, uma característica marcante das cidades brasileiras, produzidas no sistema capitalista de produção, tendo a desigualdade como sua marca principal. Para Maricato (1999, p.14), “[...] o direito a invasão é até admitido, mas não o direito a cidade”.

A maior tolerância e condescendência em relação à produção ilegal do espaço urbano têm ocorrido por parte dos governos municipais, aos quais cabe a maior parte da competência constitucional de controlar o uso e a ocupação do solo. A lógica concentradora da gestão pública urbana não admite a incorporação ao orçamento público da imensa massa, moradora da cidade ilegal, demandária de serviços públicos. Seu desconhecimento se impõe, com exceção de ações pontuais definidas em barganhas políticas ou períodos pré-eleitorais. Essa situação constitui, portanto, uma inesgotável fonte para o clientelismo político. (Maricato, 2006, p. 157).

A partir de 1990 a formação de favelas na cidade de Londrina/PR foi intensificada, passando de 15 para mais de 50 aglomerados de residências precárias. Isso devido a fatores ocorridos na escala nacional como o processo

de abertura econômica, queda da produção industrial, falta de investimento no campo da habitação social, altos índices inflacionários (Veiga, 2014) e, por outro lado, na escala local havia às dívidas da COHAB/LD junto a Caixa Econômica Federal que suspendeu grande parte dos financiamentos do setor habitacional na cidade. Fresca (Fresca, 2002), assinala esses dois fatores como impulsionadores da ação de criar moradias em áreas irregulares na cidade.

A favela Nossa Senhora Aparecida localizada na Zona Norte da cidade de Londrina/PR (figura 1) é uma das 68 áreas existentes até o ano de 2018 (COHAB-LD, 2018).

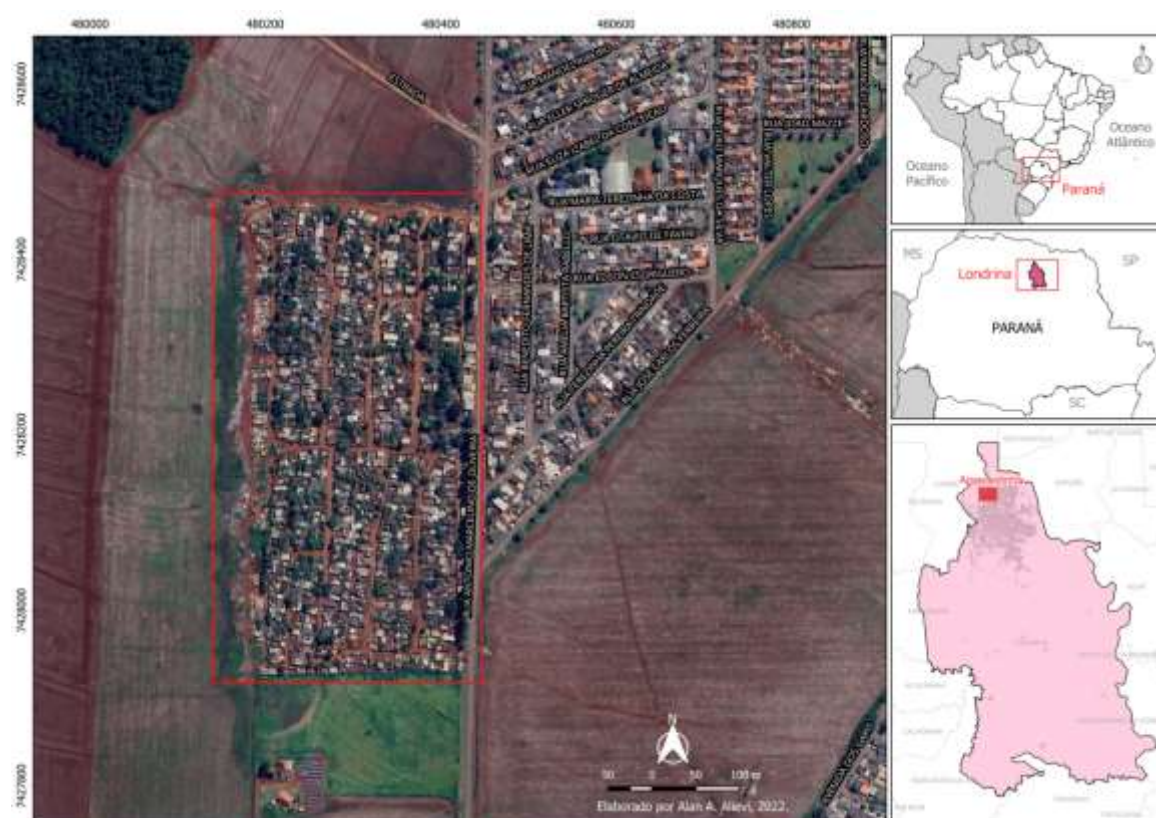


Figura 1. Localização geográfica da favela Nossa Senhora Aparecida em Londrina/PR

Elaborado por: Alan Alves Alievi, 2023.

As famílias londrinenses sem a oferta - via poder público - de alternativas de moradia social, passaram a viver em condições precárias de sobrevivência. A área na qual a favela Aparecidinha encontra-se é um terreno particular ocupado

inicialmente em 2009 por 250 famílias que foram realocadas para o Jardim Horizonte II em 2012, entretanto, como o proprietário do terreno não cumpriu a função social da terra a partir deste período, no ano de 2014 voltou a ser ocupado por cerca de 250 famílias.

Em 2022 a mesma apresentava cerca de 600 famílias, abrigando aproximadamente 2.000 pessoas, tendo também pouco mais de 10 estabelecimentos comerciais (do tipo bar, mercadinho, venda de produtos eletrônicos) e prestadores de serviços (oficina) na entrada da favela e duas igrejas evangélicas.

Por se tratar da maior favela de Londrina em quantidades de famílias até o ano de 2023, segundo dados da COHAB-LD, Aparecidinha acabava tendo visibilidade frente a outras áreas menores, justamente pelo trabalho desenvolvido pelos/as sujeitos/as que ali vivem que acabam por mostrar ao restante da cidade a realidade do seu cotidiano. Isso porque, alguns projetos sociais realizam ações dentro da favela em datas comemorativas como atividades de recreação no dia das crianças e em períodos de frio intenso, têm-se campanhas de sopa e agasalhos, além de doações de roupas, cestas básicas e materiais de construção.

Pode-se dizer que uma parte dessas ações ocorre de forma pontual devido a ação de sujeitos diversos e, que outra parte tem ocorrido de maneira sistemática, a partir da organização de grupos compostos por moradores do bairro São Jorge e do Aparecidinha. Esse é o caso do grupo de mulheres denominadas Amigas do São Jorge.

O Projeto Social Amigas do São Jorge

O projeto social denominado 'Amigas do São Jorge' foi criado por membras¹ da própria favela e do bairro São Jorge (urbanizado em 2012) em Londrina/PR. Em 2024, formado por 10 mulheres, tem sido desenvolvidas ações voltadas às demandas dos moradores da favela, visto que, boa parte das pessoas

¹ Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa: Membro s.f. uma mulher que participa de um corpo social, político ou administrativo ou de um grupo que tem atividades.

que conseguiram casas regularizadas no São Jorge já foram moradoras do Aparecidinha também.

Dentre as atividades desenvolvidas pelas mulheres destacam-se a divulgação de pedidos de doação de roupas, alimentos, desenvolvimento de atividades específicas em datas comemorativas, fazendo com que a partir das divulgações que realizam e da força ativa delas consigam todo tipo de doações, chegando ao projeto e que redirecionados a população. Também são promovidos cursos para as mulheres pensando no complemento da renda familiar.

A principal ação desenvolvida pelo projeto é voltada a questão alimentícia, na qual as mulheres distribuem alimentos no mínimo duas vezes por semana no período noturno, essas ações contam com a presença de voluntários para seu desenvolvimento, desse o recebimento das doações até o processo de servir.



Figura 2. Distribuição de sopa aos moradores da favela, 2023.

Fonte: Acervo de fotos da Autora, 2023.

O projeto social mantém seu funcionamento com apoio de parceiros, dentre eles, está o Movimento Sem Terra – MST, no qual as mulheres do projeto e demais moradores do bairro que queiram participar, são convidados a irem a um assentamento do MST para fazer o plantio de frutas, legumes e verduras, e após 2 ou 3 meses, dependendo do tipo de planta cultivada, são convidadas para retornarem fazerem a colheita, levando para suas casas os alimentos que foram colhidos, além disso, o MST também leva para o projeto doações de arroz, feijão, leite em pó e outros alimentos básicos.



Figura 3. Entrega de alimentos pelo MST, 2023.

Fonte: Acervo de fotos da Autora, 2023.

O maior problema enfrentado pelos moradores da favela é justamente a insegurança alimentar. Esse fato faz com que as mulheres do projeto estejam atentas a todas as formas de conseguirem doações e parcerias para contribuir com os moradores.

A Central de Abastecimento do Paraná – CEASA, localizada em Londrina, fornece a doação de verduras e legumes duas vezes por semana ao projeto, desta forma, regularmente ao menos duas mulheres do projeto vão até a CEASA coletar as doações para utilizarem nas marmitas que são distribuídas semanalmente para os moradores do Aparecidinha.



Figura 4. Coleta de Alimentos no Ceasa de Londrina, 2023.

Fonte: Projeto social amigas do São Jorge, 2023.

Todas as doações recebidas, seja em forma de alimentos seja de ajuda presencial no desenvolvimento dessas ações, contribuem muito para o projeto

e, principalmente, para garantir a sobrevivência alimentar das pessoas da favela que vivem em situação de vulnerabilidade social.

Para além das questões alimentares, um fato importante que o projeto também aborda é a questão da segurança das mulheres e crianças. O projeto recebe pessoas da favela que sofrem diversos tipos de abuso e recorrem em busca de casa, alimento e segurança. A fim de entender e lutar contra essa violência de gênero e infantil, o projeto busca ajuda de órgãos públicos para conscientização sobre o assunto e apoio.

O projeto já contou com o apoio de órgãos públicos para realização de palestras sobre temas de violência doméstica e sexual, relacionamentos abusivos, câncer de mama e demais assuntos específicos para mulheres, assim como ações do dia da mulher com atividades de saúde e beleza. Outra ação realizada é a presença da polícia militar do Paraná, que adentram a favela e tentam conversar sobre o uso e tráfico de drogas, consumo de bebidas alcoólicas e melhorar a comunicação da polícia com a comunidade local. Conforme coloca a representante da rede de solidariedade,

[...] Nós sempre falamos que não temos uma ação específica aqui no projeto, a gente faz conforme as necessidades apareçam, já colocamos duas mulheres pra morar aqui na sede porque foram violentadas em casa, já acolhemos crianças que os pais usam drogas e somem, ai eles ficam sozinhos e acabam vindo aqui no projeto pedir ajuda, a gente faz de tudo, de tudo que precisa, nem sabemos como, mas nosso objetivo é ajudar, se precisar nós arregaçamos as mangas e vamos ajudar (A, entrevista, 10 de março de 2023).

Pensando no desenvolvimento humano e profissional, o projeto busca ofertar cursos profissionalizantes às pessoas da favela e também divulga ofertas de emprego que chegam até ela e são direcionadas aos moradores (Figura 5).

As mulheres do programa buscam divulgar e ofertar ações/atividades para homens e mulheres, porém, o que se tem notado é que a participação nas atividades ocorre majoritariamente por mulheres, o que evidencia o papel da mulher na busca por melhorar a qualidade de vida da sua família.

A questão de gênero precisa ser inserida nas políticas públicas urbanas para que o desenvolvimento das ações territoriais e o direito a cidade seja

garantido e realizado com as mulheres, independente de raça, classe, sexualidade e outras características individuais específicas de cada uma.



Figura 5. Curso profissionalizante de pintura ofertado aos moradores.

Fonte: Projeto social amigas do São Jorge, 2023.

A transformação na economia política no final do século XX gerando um novo modo de acumulação de capital flexível fez com que a fragmentação, a insegurança e o desenvolvimento da desigualdade social tomassem conta da sociedade atual, além disso, esse modo de produção não atingiu as cidades de formas igualitárias, é um processo que separa ou agrupa as cidades e as pessoas, de acordo com os interesses do capital (Harvey, 1992).

Diante dessa economia neoliberal, do Estado mínimo, da desregulamentação e da privatização do meio público, fez com que empregos fossem diminuídos e com isso a condição de pobreza chegou a muitas famílias brasileiras. Neste contexto, por outro lado, no cotidiano tem-se a lógica da auto cooperação, auto organização, a lógica da participação e da responsabilidade civil ganha força colocando a questão social como um problema de todos, visto que, as situações de extrema problema, vulnerabilidade social e a exclusão

socioespacial é algo que devem incomodar a toda a sociedade e, portanto, ser papel de todos combatê-las (Cobos, 2014).

Neste sentido, as redes de solidariedade entre as pessoas, na escala do cotidiano, ou seja, um cotidiano como lugar capaz de envolver os aspectos mais profundos da existência social e individual, que engloba os projetos de vida, desejos, necessidades, enquanto experiências que carregam a vida diariamente (Lefebvre, 1958), aparecem como um sinônimo de cidadania desenvolvido majoritariamente pelos grupos que convivem com algum tipo de vulnerabilidade ou vários tipos, essas redes se tornaram uma saída para muitos casos de exclusão social engendrados na nossa sociedade. A pobreza, para além de um estado de carência ou necessidade, é também um espaço de luta, um estado vivo de vida ativa, em que os sujeitos que compõe essa situação criam e recriam dia após dias formas de viver e sobreviver.

As pessoas periféricas prontas para enfrentar seu tempo a partir de seu espaço, criam e recriam uma cultura com a cara de seu tempo e de seu espaço e de acordo ou em oposição aos donos de seu tempo, que são também os donos do espaço. É dessa forma que, na convivência com a necessidade e com o outro, se elabora uma política, a política dos de baixo, constituída a partir das visões do mundo e dos lugares. Trata-se de uma política de novo tipo, que nada tem a ver com a política institucional. Esta última se funda na ideologia do crescimento, da globalização etc., e é conduzida pelo cálculo dos partidos e das empresas. A política dos pobres é baseada no cotidiano vivido por todos, pobres e não pobres, e é alimentada pela simples necessidade de continuar existindo (Santos, 2003, p. 132).

As redes de solidariedade são estratégias de sobrevivência criadas para obter diferentes recursos que possam contribuir para ajudar no combate a fome, miséria, insegurança e demais vulnerabilidades sociais. Elas podem ser caracterizadas em sua forma primária como as relações tradicionais com a família, igreja, comunidades locais, associações corporativas e por outro lado, a forma moderna, composta pelas associações de bairro, comunitárias, ONG's, todas buscando a distribuição e controle de bens e serviços sociais (Draibe, 1989).

Essas estratégias de sobrevivência desenvolvidas especialmente pelas redes de solidariedade nada mais são do que a expressão concreta da

desigualdade social, ou seja, são essas patologias sociais que dão origem a mecanismos que buscam, através deste tipo de economia, a inclusão social (Durkheim, 1983), deixando claro como a corporeidade faz parte e é processo da produção espacial.

Pode-se dizer que o corpo, com a sua capacidade de ação e as suas várias energias, cria espaço? Seguramente. Mas não no sentido da favela dita como uma espacialidade fabricada; em vez disso há uma relação imediata entre o corpo e seu espaço, entre a distribuição do corpo no espaço e sua favela do espaço. Antes de produzir efeitos na esfera material (ferramentas e objetos), antes de produzir-se para se alimentar daquela esfera material e antes de se reproduzir, gerando outros organismos, cada corpo vivo é espaço e tem seu espaço: ele se reproduz no espaço e também produz seu espaço (Lefebvre, 2006, 170).

Dentre um dos aspectos que mais destacam a desigualdade social e a segregação socioespacial, as moradias tem papel central nesta situação, visto que, ela garante não somente o direito de morar, mas é requisito básico para se conseguir diversos outros direitos, como vagas em escolas e creches, trabalho, saúde, benefícios sociais, entre outros.

Enquanto sujeita ativa nesta pesquisa-ação busca-se vivenciar o cotidiano dessas mulheres e contribuir no desenvolvimento do projeto, seja ajudando com doações, apresentando o projeto e a favela para demais moradores da cidade, aproximando a universidade da favela e participando das ações desenvolvidas pelo projeto e apoiando nas burocracias em busca de melhorias.

Considerações finais

Espera-se com esta pesquisa contribuir nas ações realizadas através do projeto social Amigas do São Jorge, a fim de que a universidade se aproxime dessas mulheres que ajudam outras pessoas que também vivem nessa condição de vulnerabilidade social, fazendo com que a teoria consiga caminhar indissociada à prática.

As mulheres têm assumido uma liderança frente as necessidades das famílias da favela Aparecidinha, realizando ações que buscam combater a fome,

a violência, o abandono infantil, o abuso sexual e psicológico e demais questões que possam surgir relacionados a estes sujeitos, especialmente as mulheres e crianças. Essas táticas cotidianas de resistência mantêm o movimento vivo, mesmo com as dificuldades externas e internas.

Sabe-se que o processo intensificado de urbanização intensificou a segregação socioespacial presente no 'cotidiano' (Lefebvre, 2001), ou seja, no espaço que se explodem os conflitos das contradições vividas e ganham visibilidade nos espaços públicos, onde acontecem as manifestações dos movimentos sociais frente a alienação atual, que afasta os sujeitos da cidade vivida. Frente a isto, chama-se a atenção para o planejamento urbano e a gestão do uso e favela do solo na perspectiva democrática, pois quando não se é levado em consideração as demandas e urgências de quem vive a cidade, especialmente nas áreas de moradias irregulares, acaba-se produzindo e reproduzindo de forma sistemática e com a validação da ciência as relações de exclusão e negação do direito a cidade e a moradia, além de se constituir uma cidade voltada a atender as lógicas do capital.

Do ponto de vista teórico metodológico, um resultado significativo que espera-se atingir chegar é a abertura de um diálogo possível entre a Geografia Urbana e as questões de gênero. Indo assim ao encontro da ideia que a produção cotidiana do espaço urbano é feita pelas múltiplas corporeidades e interfaces das pessoas que não são iguais em suas várias dimensões e isso funciona como um condicionar em como as pessoas vivenciam a cidade e as lutas diárias entre os/as mais vulneráveis.

Referências bibliográficas

COBOS, E. P. La ciudad capitalista en el patrón neoliberal de acumulación en América Latina. In: *Cadernos Metrópole*, São Paulo, v.16, n. 31, junho, 2014.

CORREA, R. L. *O espaço urbano*. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 1989.

DAVIS, A. *Mulheres, Raça e Classe*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DRAIBE, S. M. As políticas sociais brasileiras; Diagnósticos e Perspectivas. In: *Para a década de 90. Prioridades e perspectivas de políticas públicas*. Brasília: IPEA/IPLAN, 1989.

DURKHEIM, É. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo. Abril Cultural, 1983.

FALS BORDA, Orlando. Orígenes universales y retos actuales de la IAP (InvestigaciónAcción Participativa), *Peripecias*, n. 110, 2008.

FRESCA, T. M. Mudanças recentes na expansão físico-territorial de Londrina. *Geografia Londrina*, Revista do Departamento de Geociências, Londrina, v. 11, n. 2, jul./dez. 2002

GIL, A. C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6. ed. São Paulo. Editora Atlas S.A, 2012.

GHERARDI, S. *Organizational knowledge: the texture of workplace learning* Oxford: Blackwell Publishing. 2006

HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 6 ed. São Paulo: Loyola, 1992.

LEFEBVRE, H. *Critique de la vie quotidienne*. Paris: L'Arche, 1958, v. 1.

LEFEBVRE, H. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte, Humanitas, 2004.

LEFEBVRE, H. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo, Editora Ática. 2001.

LEFEBVRE, H. *O Direito à Cidade*. São Paulo, Centauro, 2006.

MARICATO, E. *A terra é um nó, na sociedade brasileira...* também nas cidades. *Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 93, n. 6, p. 7-22, 1999.

MARICATO, E. Metrópole, legislação e desigualdade. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 48, p. 151-166, 2006.

SANTOS, M. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 2013.

SAQUET, M. A. *Saber Popular, Práxis Territorial e Contra-Hegemonia*. Rio de Janeiro: Consequência, 2019, 144 p.

SCRIBANO, A.; SENA, A. De. A entrevista: um olhar sobre a escuta a partir de duas experiências. *NORUS*. vol. 8, nº 13, p. 122-145, Jan/Jul/2020.

VEIGA, L. A. *Gênese e Dinâmica das fábricas de mesas para bilhar no Centro-Sul brasileiro*. 2014. 251 f. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Centro de Ciências Humanas, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

VILLAÇA, F. *Espaço intraurbano no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

Caroline Berger de Paula

Doutoranda em Geografia no Programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina – PPGE/UEL. Graduada na modalidade de bacharelado e licenciatura em Geografia na Universidade Estadual de Londrina e mestrado também pela mesma instituição. Especialista em Educação de Jovens e Adultos pela Faculdade São Braz. Realiza pesquisa nas áreas de produção do espaço urbano, habitação, questões de gênero e projetos sociais em favelas.

E-mail: caroline.berger@uel.br

Currículo lattes: <https://lattes.cnpq.br/3740634604793000>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0813-1633>

Recebido para publicação em maio de 2024.

Aprovado para publicação em junho de 2024.